

SBH
Pt 1781(1/2)
ex 15 mgo!

48/04/04
Liana de São Paulo

NOTAS DE UM CONSTANTE LEITOR

RAIZES DO BRASIL

(Copyright do DIARIO DE S. PAULO) CANDIDO MOTTA FILHO

Lelo, pela segunda vez e com o mesmo agrado, o livro de Sergio Buarque de Holanda — "Raizes do Brasil". Trata-se de um ensaio sociológico feito com uma visão segura dos acontecimentos e arquitetado por mãos de mestre que lida com o material que utiliza com discreta familiaridade.

A análise de nossa formação que faz com abundância de argumentos é além de tudo, sugestiva. Fixando o problema do nosso individualismo ou melhor das dificuldades do solidarismo entre nós, fixando a capacidade de adaptação do homem luitano, que enfrentou, como ninguém, as dificuldades tropicais e mostrando o caminho que tomou a nossa democracia racial, com o acréscimo "da moral da senzala", enfim, assinalando onde começa o trabalho e acaba a aventura, Sergio Buarque de Holanda vai conduzindo o nosso espirito para os mais interessantes temas da formação brasileira.

Um deles que me chamou a atenção é aquele que se refere ao insucesso da experiencia holandesa, e ao sucesso da conquista do português também pela língua portuguesa. E' verdade que, ao contrario do holandês, o

português era socialmente comunicativo. Americanizava-se ou africanizava-se, conforme fosse preciso. Porém, a lingua foi uma expressão de tudo isso. Ela se apresentava fiel às predisposições raciais. "Aquela observação formulada seculos depois por Martius, — escreve o autor, de que, para nossos indios, os idiomas nordicos apresentam dificuldades feneticas praticamente insuperaveis, ao passo que o português, como o castelhano, lhes é muito mais acessivel, pudera fazê-la bem cedo os invasores. Os missionarios protestantes, vindos em sua companhia, logo perceberam que o uso da lingua neerlandesa na instrução religiosa prometia escasso exito, não só entre os africanos como entre os gentios da terra. Os pretos velhos, esses positivamente não a aprendiam nunca. O português, ao contrario, era perfeitamente familiar a muitos deles".

Tenho que o problema da lingua esconde em si os melhores segredos da civilização. Assim pensava o velho e doce Renan, quando a ela dedicava as melhores horas de seus estudos. Nietzsche, com outro temperamento e outra visão das coisas, tinha, por sua vez, o mesmo ponto de vista, quando considerava a Filologia como historia, estética e natureza, na sua famosa lição inaugural: — "Homer und die klassische Philologie".

Quando este se extendia nos estudos filologicos, ficava compenetrado de que, na lingua, estava o segredo das caminhadas da civilização. Por isso, seguindo seus conselhos poder-se-ia, com investigações desse genero, encontrar muitas explicações para os fluxos e refluxos da historia.

Sergio Buarque de Holanda, passa, pela rama, por sobre esse tema, mas nos traços gerais que nos oferece, já nos mostra como

continue...

(Conclusão da 1.ª pág.)
 o português é também, ou senão principalmente, a língua portuguesa; porque, se esse fenómeno se deu realmente, quando da nossa formação, essa mesma língua oferece certas resistências à universalidade. E tanto isso é verdade, que ela pouco se expande, vai pelas ilhas, entra por certas regiões da África e da Ásia, toma conta do Brasil e não se desenvolve, nem consegue o impulso do castelhano. Mas, em nosso país, ele penetra, domina e influi de tal modo, que é ele que dá a nossa razão de ser.

Talvez, por isso, penetrasse mais, entre nós, a fé católica. O Brasil começa sua vida histórica, justamente quando a heresia começa a sua vida histórica. Nada conseguiram aqui de monta contendo os dissidentes da cristandade católica. Não vai até aí Sérgio Buarque de Holanda, mas, desde logo, reconhece que os calvinistas holandeses não tiveram a *simplicidade transigente e comunicativa* que a Igreja Católica, "sem dúvida mais universalista ou menos exclusivista do que o protestantismo, sabe infundir nos homens, ainda quando as relações existentes entre eles nada tenham, na aparência, de imperecíveis".

Outro tema de monta é o trabalho escravo, que desenvolveu entre nós ou pelo menos facilitou muito, a propriedade rural. Toda a vida económica da Monarquia reflete a economia escravagista. Por isso, a luta contra o tráfico tem consequências definitivas. Essa extinção de um comércio que constituiu a origem de algumas das maiores e mais sólidas fortunas brasileiras nos tempos, — escreve o autor, — deveria forçosamente deixar em disponibilidade, capitais até então comprometidos na importação de negros. A própria "inundação do Banco do Brasil de 1851 está, segundo parece, relacionada com um plano deliberado de aproveitamento de tais recursos na organização de um grande instituto de crédito.

E ele acrescenta: — "Pode-se assim dizer que, das cinzas do tráfico negreiro, iria surgir uma era de aparato sem precedente em nossa história comercial.

O fato é que o Brasil se forma ou se deforma na movimentação de seu aparato ruralista, que criou a ditadura dos domínios agrários, provocando, sem dúvida, de uma forma muito viva, o contraste entre a pujança agrária e a pobreza das cidades, nos tempos da Colônia. Com isso não há espírito de comunidade, mas o predomínio do feudalismo agrário, acentuado pela anedota contada por Frei Vicente Salvador, de um bispo que passou por aqui e disse, pelo que experimentou: — "nesta terra andar as coisas trocadas, porque toda ela não é uma República, sendo-o cada casa".

Como a escravatura e com o predomínio desse espírito doméstico, não há espírito público. Este só aparece, com a modificação do nosso processo económico, o que se acentua depois de 1808, com a vinda para o país da Corte Portuguesa, o que não impediu entretanto, pela permanência do escravo, da formação de um estilo de vida peculiar à economia escravagista.

"A família patriarcal fornece, como diz Buarque de Holanda, assim o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos." A classe média não tem clima para viver. Nessa sociedade inicial não há meio termo e por esse mesmo clima, é atrasado e confuso o funcionamento dos nossos serviços públicos. "Num país, escreve o autor, — que durante a maior parte de sua existência foi terra de senhores e escravos, sem comércio que não andasse em mãos de adventícios ambiciosos de riquezas e de enobrecimento, seria impossível encontrar uma classe média numerosa e apta a semelhantes serviços".

Seguindo por esse rumo, explica Buarque de Holanda a formação do nosso espírito urbano, o que equivale dizer do *nosso espírito político*, prezo ele, sem dúvida, aos dados iniciais de sua formação. A cidade é a porta do sertão. É a estação de embarque do desbravador. Nela os aventureiros se encontram e a mestiçagem se opera. Criam-se com ela novos interesses. E surge então a idéia nacional.

E depois de estudar a formação do Estado, da ordem administrativa estuda a psicologia do homem brasileiro, num capítulo que sugestivamente ele denomina "O homem cordial". "Já se disse, escreve ele, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o homem cordial". Foi aliás, o que confirmou o Conde Keiserling quando nos visitou, preferindo apenas nos tachar de povo "mais delicado do mundo". No entanto, o autor assinala, com muita agudeza, que nenhum povo está tão distante da noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Nada mais significativo dessa aversão ao ritualismo social do que a dificuldade em que se sentem, geralmente, os brasileiros, de uma reverência prolongada ante um superior. Nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas: quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar. Enfim, a exaltação dos valores cordiais e a repulsa ao ritualismo estão dentro de uma certa lógica. A vida brasileira, para Buarque de Holanda, nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada para envolver e dominar toda em uma personalidade, integrando-a como peça do edifício social. Ela é livre, pois, para abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas, que encontre em seu caminho, assinalando-se frequentemente sem maiores dificuldades.

Dessas raízes algumas vezes escondidas e algumas vezes expostas, saem as explicações para o nosso perfil atual, para o comportamento que vamos tendo no terreno político e social.

Por certo que este ensaio não apanha todas as ramagens das raízes do Brasil, que estão ocultas por entre antagonismos e que pedem explicação e estudos. Porém, com o presente ensaio Sérgio Buarque de Holanda fez muito mais do que outros que se dizem os donos das verdades brasileiras.

Diário de Paulo
 4.4.48